

Ensino de História e a Educação do Campo. Um olhar a partir das imagens de si
The History Teaching and the Countryside Education. A look from the images of ourself
Enseñanza de Historia y Educación del Campo. Una mirada desde las imágenes de ti

Recebido: 05/09/2020 | Revisado: 07/10/2020 | Aceito: 07/10/2020 | Publicado: 09/10/2020

Paulo Augusto Tamanini

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6963-2952>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

E-mail: paulotamanini@uern.br

Ana Meyre de Moraes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7394-0579>

Universidade Federal Rural do Semiárido, Brasil

E-mail: ameyremoraes@gmail.com

Maria do Socorro Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2373-6101>

Universidade Federal Rural do Semiárido, Brasil

E-mail: socsouza@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem o objetivo de relacionar os contextos do Ensino de História, na Educação do Campo, atravessados pela sensibilidade de um olhar fotográfico que se volta para si. Importa então observar nas imagens fotográficas as experiências dos professores e alunos em ambientes rurais. Este escrito vai ao encontro das memórias imagéticas de professores e comunidades que refletem a Educação contextualizada a partir de suas experiências, levando em conta três fotografias. O critério da escolha das imagens fotográficas se deu em razão de elas representarem o cotidiano de profissionais da Educação no contexto do Campo. No primeiro momento, tratamos da imagem como fonte de ambientação escolar onde se desenham as práticas educativas do campo ou zonas rurais. Já no segundo momento, abordamos duas imagens que exploram a vida no campo onde se inserem o cotidiano de professores e alunos. E por último, tratamos da Educação do Campo como modalidade educacional com seus desafios, persistências, resistências, superações e esperança pela concretização de uma educação de qualidade para todos. Como resultado, observamos que a

Educação do Campo se mostra como uma modalidade de formação em consolidação em que as imagens de si e das realidades rurais se mostram possibilidades didáticas para um conhecimento das coisas do Campo.

Palavras-chave: Educação do campo; Ensino de História; Imagens fotográficas.

Abstract

This article aims to relate the contexts of History teaching to countryside education, crossed by the sensitivity of a photographic look turned towards yourself. It is therefore important to observe in the photographic images the experiences of teachers and students in rural environments. This text meets the imagery memories of teachers and communities that reflect a contextualized education from their experiences, taking into account three photographs. The criterion for choosing photographic images was due to the fact that they represent the daily lives of education professionals in the countryside context. At first, we deal with the image as a source of school environment where educational practices of the countryside or rural areas are designed. In the second moment, we approach two images that explore the countryside life where the daily lives of teachers and students happen. And, finally, we approach the Countryside Education as an educational modality with its challenges, persistences, resistances, overcomings and hope for the achievement of a quality education for all. As a result, we observed that the Countryside Education shows itself as a modality of formation in consolidation in which the images of itself and of the rural realities point out didactic possibilities for a knowledge of the Countryside reality.

Keywords: Countryside education; History teaching; Photographic images.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo relacionar los contextos de la Enseñanza de la Historia con la Educación del Campo, atravesados por la sensibilidad de una mirada fotográfica dirigida hacia ti. Por tanto, es importante observar en las imágenes fotográficas las experiencias de profesores y alumnos en entornos rurales. Esta escritura está en línea con los recuerdos de imágenes de docentes y comunidades que reflejan la educación contextualizada desde sus vivencias, tomando en cuenta tres fotografías. El criterio de elección de las imágenes fotográficas se debió a que representan la vida cotidiana de los profesionales de la educación en el contexto del campo. En un primer momento, nos ocupamos de la imagen como fuente del entorno escolar donde se diseñan las prácticas educativas del campo o del ámbito rural. En el segundo momento, nos acercamos a dos imágenes que exploran la vida en el campo donde

se inserta la vida cotidiana de profesores y alumnos. Y, finalmente, tratamos a la Educación Rural como una modalidad educativa con sus desafíos, persistencias, resistencias, superaciones y esperanza por el logro de una educación de calidad para todos. Como resultado, observamos que la Educación del Campo se muestra como una modalidad de formación en consolidación en que las imágenes de sí misma y de las realidades rurales apuntan posibilidades didácticas para un conocimiento de la realidad del campo.

Palabras clave: Educación del campo; Enseñanza de Historia; Imágenes fotográficas.

1. Introdução

A renovação das práticas de ensino de História não é algo recente e seu aperfeiçoamento curricular tem ocorrido com estratégias diversas que podem ser aplicadas em muitos contextos escolares. Na prática didática de ensino, houve a incorporação e diversificação de fontes e linguagens que, por sua vez, provocaram mudanças na formação acadêmica de inúmeros professores, que se sentiram encorajados de incorporá-las às suas atividades pedagógicas.

A incorporação de novas práticas curriculares dialoga com o mundo fora da escola, além de tantos outros espaços sociais. Ao longo de toda a vida, a formação de sujeitos se submete a um processo de desenvolvimento que deve ser encarado com responsabilidade, em que o fazer cotidiano conta com o envolvimento de todos em busca de um mesmo fim.

A sala de aula e as práticas de ensino-aprendizagem de professores e alunos, no contexto da Educação do Campo, podem ser evidenciadas por meio de imagens, através de registros iconográficos que remetem às imagens de si. Descobrir nas fontes imagéticas os indícios da vida daqueles de professores e alunos imersos nos contextos da Educação do Campo, possibilita adquirir visões de práticas formativas mais específicas.

Nesse sentido, importa neste texto relacionar os contextos do Ensino de História na Educação do Campo, atravessado pela sensibilidade de um olhar que se volta para si. Importa então observar nas imagens fotográficas as experiências do *outro*, dos professores e alunos em ambientes rurais.

Este escrito vai ao encontro das memórias imagéticas de muitos professores, alunos, comunidades que refletem a Educação contextualizada. Este trabalho serve-se de três imagens - *Engenho de carne-seca*, do artista Jean Baptiste Debret; *Dia a dia de um agricultor familiar caipira*, do fotógrafo Cezar Diniz; e, *Crianças em escola indígena*, do fotógrafo Renato Soares - com o objetivo de articular o ensino de História e imagens, na Educação do Campo,

para o enredo de uma imagem de si. O critério da escolha das imagens se deu em razão delas representarem o cotidiano de profissionais da Educação que se situam longe dos grandes centros, com a finalidade de fazer conhecer as realidades plurais do Ensino.

No primeiro momento, tratamos da imagem como fonte de ambientação escolar onde se desenham as práticas educativas do campo ou zonas rurais. Já no segundo momento, abordamos duas imagens que exploram a vida no campo onde se inserem o cotidiano de professores e alunos. E por último, tratamos da Educação do Campo como modalidade educacional com seus desafios, persistências, resistências, superações e esperança pela concretização de uma educação de qualidade para todos.

2. Imagens Contam Histórias, Narram Espaços e Dizem sobre o Lugar da Educação

Traduzida como uma modalidade de educação que acontece em espaços rurais, a Educação do Campo possui sua dinamicidade e forte ligação com as pessoas que sentem forte ligação com a terra e o meio ambiente onde vivem e onde as atividades produtivas são desenvolvidas: agricultura, pecuária, extrativismo etc. Para além do fator produtivo, o campo – como espaço formador, guarda e gera saberes locais. Dada a importância desses saberes, a Educação do Campo tem conquistado espaços curriculares em algumas universidades brasileiras, tem desenvolvido estratégias para que os saberes da terra, das gentes e das comunidades se efetivem como conteúdo a ser explorado em sala de aula.

Diante das inúmeras lutas que se apresentam cotidianamente, no contexto da Educação do Campo, as metodologias da *imagem de si* instituem-se como meios promissores de registro dos profissionais da educação que reivindicam ainda um reconhecimento. A História, como área de conhecimento específica, possibilita a compreensão do desencadeamento da própria realidade, facilitando então, experimentar o tempo e o espaço dos acontecimentos em uma perspectiva interligada, associada e comungante.

Portanto, as fotografias aqui utilizadas registram momentos de grupos em articulação, expressam situações vivenciadas, anunciam ideias, mostram cenários de vivências para além daquelas já habituais, que alteram perspectivas narrativas. Segundo Paiva (2006, p. 21-22):

As diferentes compreensões que cada momento histórico produz das imagens são capazes de alterar versões historiográficas já existentes. Esse momento é inevitável e é, também, vital, pois é um movimento da própria história, que não é em nada pronta, fixa e imutável.

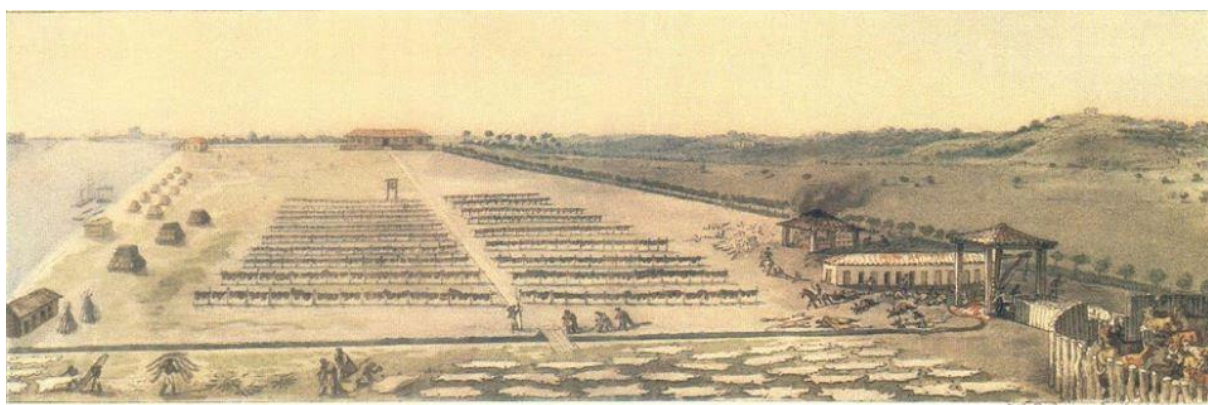
Os estudos sobre imagem cada vez mais demonstram que sua utilização tem uma considerada relevância no cotidiano dos sujeitos, em função das ações desenvolvidas que também não são fixas, à medida em que o movimento faz com que a presença da imagem se torne constante, registrando tais momentos da vida em sociedade, ou pelo menos como parte dela.

Disseminadas por vários espaços e também lugares, em quantidade e diversidade, a vida no campo também possui registros imagéticos que contam histórias sobre o seu processo de desenvolvimento do Brasil. Nessa história de crescimento o povo brasileiro encontrava-se em formação, e carente de educação. A educação não só contribuiria, como também levaria o país a patamares mais elevados. Com crises econômicas e sociais instaladas no mundo, a pobreza encontrou lugar em muitos lares dos brasileiros. Em face a esses e tantos outros problemas existentes, como via de solução, a educação seria o despertar de uma consciência. E a imagem do ponto de vista funcional, cognitivo e semiótico por ser de caráter pedagógico contribui para a composição de um conjunto de reflexões capazes de despertar um olhar mais ajustado, crítico diante da realidade, mas claro que considerando as interações dos sujeitos com as imagens quando elas apresentam recortes de um mundo e que por sua vez, a História ajuda a compreender. Fonseca (2009, p. 7) pontua que:

A História é um campo de possibilidades, nos ajuda a compreender o mundo e a nós mesmos. O conhecimento histórico não está pronto, acabado, não é verdade absoluta, mas construção temporal, parcial, seletiva, incompleta, que possibilita múltiplas leituras e interpretações. Logo, alunos e professores participam de trabalho de leitura e escrita, investigação e crítica. São também construtores de conhecimentos.

Nesse sentido, no Ensino de História as imagens podem não só favorecer o ensino, mas também propõe discussões que podem fazer com que haja um reconhecimento sobre a sua importância no convívio social, como também ampliar a consciência social e crítica do aluno que reside no campo. Como mostra a imagem a seguir:

Figura 1. Engenho de carne-seca.



Fonte: Dias et al (2018, p. 188).

Como um documento, parte de uma história sempre viva, pronta para ser narrada, a imagem apresenta aspectos da vida cotidiana no campo. Contexto, período histórico, são informações que servem inicialmente de base para um aprofundamento das discussões sobre leitura de imagem. Os elementos que compõe a imagem são detalhes ricos que palpitam vestígios sobre um determinado modo de viver e de pensar sobre a história por ela narrada. Na imagem, uma área rural, uma velha fazenda com seus prédios coloniais e trabalhadores em atividades típicas da agricultura. Cena retratada numa aquarela datada do século XIX pelo artista Jean Baptiste Debret. A imagem se mostra apropriada e pronta para provocar discussões concretas no ambiente escolar sobre parte de uma história, que ao se propor a identificação, reconhecimento dos elementos, análises e criação de hipóteses podem ser criadas, discutidas, questionadas. Ao passo em que a contextualização for sendo feita, um novo estímulo é evidenciado e a competência analítica começa então a ser desenvolvida, aproximando o aluno com as questões historiográficas sobre o modo de viver no campo. Logo, “percebemos que as imagens são uma forma de expressão, um meio para dialogar com um mundo em plena transformação” (Morais e Tamanini, 2020, p. 15).

A imagem *Engenho de carne-seca* apresenta em sua narrativa informações sobre a agropecuária no Brasil. Na região Sul do país, como localidade produtora de couro e charque (carne-seca), nas fazendas criadoras de gado, ao longo do século XIX, foram os basilares produtos de exportação. Vargas (2014) em um ensaio publicado sobre a inserção do charque fabricado na região de Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes, aponta tal produto como sendo alimento importante das pessoas escravizadas nas fazendas produtoras de açúcar e café e ainda das populações pobres das regiões litorâneas do país. Ao fazer a análise da inserção desse produto ele destaca a acirrada concorrência existente na época com outros produtos de

outros países, como também sobre as guerras desencadeadas na região da fronteira Sul que causaram instabilidade na comercialização desse componente alimentar.

Ainda de acordo com Vargas (2014, p. 543), essa mercadoria era alimento de preço acessível e ao mesmo tempo possibilitava aos senhores um razoável abatimento nos custos de manutenção da propriedade, já que os dispêndios com as refeições dos cativos chegavam a elevados custos. Na conjuntura do mundo dos negócios, a produção do charque foi vista como uma oportunidade de obtenção de lucros.

Pelo fato de a imagem mostrar uma espécie de propriedade agrícola, nela envolve uma série de fatores que podem ser evidenciados como trabalho, produção, criação, escravização, plantação, comercialização de produtos alimentícios que acabam por envolver histórias de vidas, lutas de famílias que chegaram até os tempos atuais repletos de desafios, riscos de vida em nome da própria subsistência. Não se pode tratar uma imagem como uma simples ilustração, porque senão a ela será dado apenas a oportunidade para ocupar um determinado espaço para que seja vista de forma “atraente”.

No entanto, é preciso que na atualidade elas sejam lidas e dessa forma novos significados possam ser adquiridos mediante novos questionamentos que sejam feitos e dessa forma, novas respostas sejam apresentadas. Pequenos detalhes selecionados podem representar pontos de considerada relevância contribuindo para que aspectos camuflados sejam revelados, como é o caso por exemplo, da violência existente no contexto da época. “É relevante dizer que as imagens criadas pelos seres humanos nem sempre representaram atos pacíficos” (Morais E Tamanini, 2020, p. 20).

3. O Campo como Cenário Possível de Práticas da Educação

Observar uma imagem e com ela estabelecer um diálogo com os espaços é uma oportunidade não só para entender as ideias que nela estão expressas, mas também de permitir que os olhos percorram um pouco de seus componentes. Ao se pensar a imagem como fonte da História, este artefato carregado de memórias, culturas, tempos diversos, é possível associá-la aos espaços de sua feitura. Sendo assim, imagens que apresentam contextos rurais não são apenas registros de um instante, mas a materialidade de um lugar, geograficamente situado que forma seus moradores. Vejamos a imagem abaixo:

Figura 2 – Dia a dia de um agricultor familiar caipira.



Fonte: Cezar Diniz/Pulsar imagens/ Brait Júnior et al (2014, p. 146).

Na História do Brasil, a terra ocupou um espaço preponderante como elemento movedor da economia, desde o Período Colonial. Considerado grande produtor agrícola, o Brasil, por meio de imagens possui registros cotidianos nas grandes lavouras de cana-de-açúcar, café e outros. Atividades desenvolvidas no campo por brasileiros e imigrantes que aos poucos o Brasil rural foi dando lugar ao Brasil urbano que até hoje contínua em processo de desenvolvimento. Ao passo em que as mudanças ocorreram registros imagéticos foram sendo feitos. Até mesmo os conflitos ocasionados nesse processo de mudanças, tiveram seus registros imagéticos feitos, nos levando assim a perceber a sua presença desde os primeiros tempos da colonização no Brasil.

A imagem mostra um tipo de realidade rural, em que a fotografia enquadrado no primeiro plano e nos motivos secundários uma cena que sugere um tipo de atividade comum no dia a dia do homem do campo, essa atividade diz respeito a capinação do solo. Um trabalhador do campo com chapéu de palha, vestes simples, de botas, que tem em suas mãos uma enxada, ao lado, parte de uma casa singela, numa área de vegetação verde. Esses elementos seguem uma ordem em sua composição. Aquilo que está no primeiro plano, assim

como os motivos secundários apresentam uma realidade com pontos de interesse sobre um assunto que provavelmente trará mais significado principalmente para os que residem em áreas rurais. A imagem presta informações sobre como é a vida de agricultores que buscam juntamente com suas famílias em pequenas propriedades, retirarem da terra o próprio sustento de sol a sol, seja quente ou frio, suas atividades não param, e isso acaba por exigir cada vez mais força e disposição. Mas o que diz a história sobre os trabalhadores do campo? Sem serem donos de terras e de ferramentas de trabalho, foram vistos como pessoas destituídas de direitos e sua imagem construída como pessoa empobrecida, sem educação formal.

No livro “*Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história (2009)*”, com organização de Márcia Motta e Paulo Zarth, é um dos volumes que compõe a Coleção História Social do Campesinato no Brasil. Nele, resultados de pesquisas sobre esse universo rural brasileiro são apresentados de modo a se contrapor à memória do esquecimento dos inúmeros conflitos ocorridos na história que marcaram o destino de homens, mulheres e crianças no país com situações de injustiças. Os trabalhos dos pesquisadores que foram reunidos, trazem à luz histórias de lutas pela terra, fazendo-se perceber o duelo entre forças desiguais. De um lado os donos de terras, detentores do poder de mando, do outro, os menos favorecidos, os que nada possuía, exceto, sua força de luta e sua capacidade de resistência. Mesmo na sua simplicidade e em meio a tantas dificuldades o homem do campo soube elaborar formas para resistir as situações adversas que aos poucos foram surgindo no seu dia a dia.

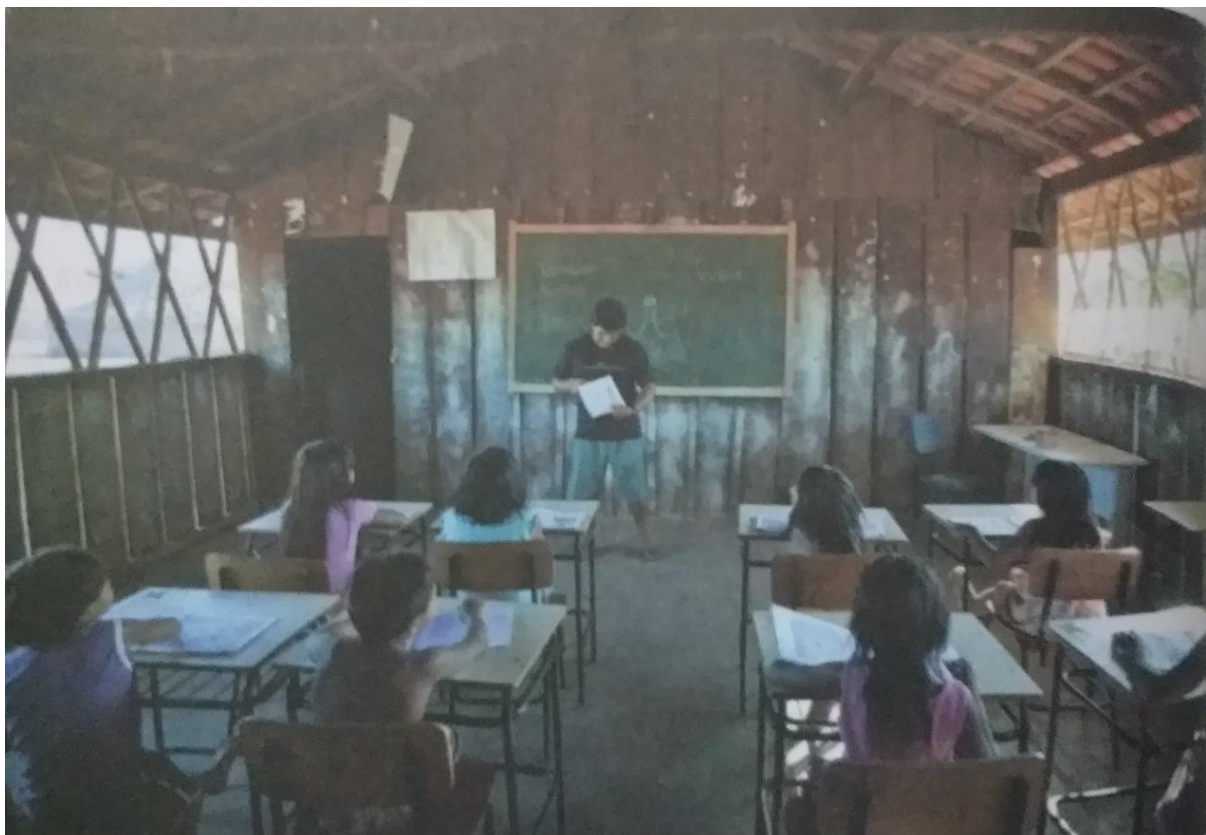
Segundo Ribeiro (2009, p. 53) que se detém a tratar sobre esse processo de resistência dos camponeses, especificamente no período da Era Vargas, diz que esses trabalhadores mesmo já tendo percorrido um extenso período de luta e resistência, nesse período continuavam tutelados pelos proprietários rurais. E o envio de cartas ao presidente da república foi uma outra maneira de lutar pelo direito a terra. O autor apresenta com profundidade trechos de cartas escritas pelos camponeses que foram enviadas a fim de obterem a resolução de seus conflitos, que por sua vez apelavam ao presidente por justiça, além de outras que expressavam pedidos de lotes de terra, ou ainda simplesmente ferramentas de trabalho, assim como outros pedidos de apoio à agricultura para continuarem sobrevivendo juntamente com suas famílias. O que se tinha em mente era poder chegar até o presidente. Mesmo com pouca educação formal o homem do campo não se intimidou e buscou atuar numa perspectiva para fazer valer aquilo que era de seu interesse. Colocou no papel seus sofrimentos, suas angústias, como forma de luta pelo direito a terra. Os escritos apresentam reflexões historiográficas, que tomadas como fontes históricas a outras se juntam e formam

narrativas que resgatem a multiplicidade das muitas realidades do espaço rural ligadas ao processo educacional. Ribeiro (2009, p. 70) acrescenta que:

Nas cartas, duas ideias estão bem demarcadas. De um lado, a noção de justiça: o roceiro procura mostrar que seu pedido era justo e por isso devia ser atendido. O justo deveria, se necessário, sobrepor-se ao legal, reforçando-se assim a ideia do presidente misericordioso, que tudo faria para resolver um problema de um mero trabalhador da gleba, que lhe enviara uma simples carta.

O que a partir da imagem se pode discutir, seja partindo do trabalhador, da área rural como lugar, da ferramenta de trabalho, pois todos os seus elementos estão expostos, sendo vistos de forma simultânea, mas podem estarem silenciados, porque não basta que sejam olhares rápidos sem a capacidade de captar pontos que possam produzir novos conhecimentos. Assim, até mesmo nos gestos mais simples é importante o olhar ser enriquecido para que então a imagem possa provocar uma reação dupla, a de se estão ou não achegados à realidade. Observemos essa outra imagem:

Figura 3. Crianças em escola indígena.



Fonte: Renato Soares/Pulsar Imagens/ Brait Júnior et al (2014, p.46).

Na contemporaneidade, as imagens por serem efêmeras, as possibilidades de contemplação e reflexão são poucas e com isso a existência de um olhar mais detalhista e sensível também é pouco, o que implica dizer que a superficialidade do olhar impede o desenvolvimento de maior capacidade de leitura sobre a imagem, sobre as ações humanas. Na imagem, um contexto escolar se encontra registrado por meio da fotografia. Cada elemento que foi enquadrado na cena possui uma história, professores, alunos e o próprio ambiente escolar. A simplicidade do ambiente direciona o olhar ainda para o mesmo ponto, a vida no campo e ao processo educacional das pessoas que vivem nesse meio rural. Embora as ideias expressadas pelas imagens aqui apresentadas sejam distintas, no ensino de História elas podem produzir novos conhecimentos e incentivar a escrita de novas histórias que terão como ponto crucial, o viver no campo. Desde que a pressa seja eliminada e se dê o benefício para a existência de um diálogo com as imagens.

Que outros jeitos de ver moram em nossos olhos? Pergunta Wunder (2006, p.1) no início de uma abordagem *sobre Fotografias como exercício de olhar*. O autor discorre sobre jeitos de ver que residem em nossos olhos, as possibilidades de ampliação de sentidos proporcionadas pela fotografia em função dela ser um registro de um dado acontecimento, que poderia ser posta diante de olhares para ser pensada, discutida, pois fornece muitas informações. Essas novas possibilidades muito dizem sobre olhares direcionados para aquilo que lhe é comum, e que a fotografia se disponha a partilhar caminhos.

A linguagem fotográfica gera em nós uma dupla sensação ao nos colocar a frente de algo que, ao mesmo tempo, está e não está ligado ao que chamamos de realidade. Uma fotografia é um pacote de informação na medida em que nos fornece dados sobre os lugares, as pessoas, as épocas e os acontecimentos. É neste sentido que ela ganha um grande valor como registro histórico e, mais radicalmente, como documento de comprovação dos fatos. (Wunder, 2006, p. 2).

Num diálogo impaciente, a pressa pode não favorecer o sujeito, no que se refere à percepção do mundo, tão importante para a construção do conhecimento. Parece ser uma prática comum, observar uma imagem e tão logo procurarmos fazer aproximações, minúcias, de imediato temos o desígnio de querermos torná-la conhecida. E essa aproximação é válida se da imagem o uso for feito, somado a contribuição subjetiva, levando em consideração uma possível reflexão sobre como a história é registrada, escrita e transmitida. Dessa reflexão, aos poucos vai se descobrindo qual a finalidade da História. Dela pode decorrer uma proposta para se pensar sobre a história do professor, dos alunos, da escola, da comunidade,

possibilitando assim, a escrita da própria história. Fonseca (2009, p. 49) aponta sobre como o conhecimento histórico é produzido:

O historiador investiga, faz um levantamento das fontes históricas, analisa-as, dialoga com as teorias e com outros conhecimentos produzidos e escreve a história. É por meio dos diversos registros das ações humanas, dos documentos, dos monumentos, dos depoimentos de pessoas, de fotografias, objetos e roupas, que obtemos informações, dados e evidências sobre o real vivido por homens e mulheres nos diversos tempos e espaços. Não apenas no passado distante, como alguns acreditam: todos os registros e evidências das ações humanas são fontes de estudo da História.

Sendo assim, no ambiente escolar, o professor pode elaborar estratégias para fazer um possível levantamento de fontes fotográficas que contenham evidências da vida em comunidade, valorizando as sutilezas dos modos de se viver aqui ou ali. Se fica sob a responsabilidade do ensino de História a reflexão sobre o lugar e o papel da História no conjunto de práticas de saberes escolares, as outras áreas de conhecimento contribuem para o entendimento interdisciplinar da vida.

Sujeitos e saberes se mesclam num processo de experiência que auxilia os livros de História que por sua vez possuem muitas imagens que estão dispostas em suas páginas, logo, pelo caráter pedagógico que possui, seu estudo e sua utilização tem sua importância. Ensino e a aprendizagem da disciplina se torna um desafio. Qual tratamento deverá ser dado as imagens que ali estão? Como ferramenta pedagógica que contribui e fortalece o Ensino de História, consciências críticas podem ser afloradas, pois a sua forma de ensinar História possui estratégias que estabelecem relação com a formação cidadã. Ao lidar com o social, outras questões como, a cultura, o tempo, o espaço se juntam e contribuem para o desenvolvimento de consciências críticas. Pelo poder que possui a imagem impacta pela sua representação, seja por meio das cenas simples cotidianas ou as de brutal violência, as realidades retratadas com densidades interpretativas ou ainda com toque artístico, elas atraem olhares.

4. Considerações Finais

Compreender os espaços em que se está inserido a partir de imagens é atentar para a importância de se pensar sobre a própria historicidade e entender que as situações vivenciadas dizem respeito a um momento, tecido pelos marcos temporais e espaciais. Muitos dos instantes que foram registrados por imagens se tornaram fontes de pesquisa porque diziam

sobre o objeto investigado. Percebemos que as imagens, para além de mostrar o instante capturado pelas lentes de um equipamento, potencialmente possuem a capacidade de se fazer as revisões das versões dos textos, uma vez que elas carregam informações também sobre aspectos que estão fora de suas bordas.

Por estarem disseminadas por toda parte registrando os instantes, as imagens possuem características de natureza documental e que se tornam relevantes no processo de ensino aprendizagem. Dentre a gama de imagens, há as que expressam cenas cotidianas nos contextos dos cenários rurais. Logo, pensar as imagens que registram a vida no campo é dar espaços aos grupos sociais que tecem sua vida e modos de percepção de mundo, nestes lugares. Para além dessa conformidade, a imagem possui um caráter pedagógico, capaz de instruir alunos acerca das existências de outros lugares em que a vida tem sua trama, para além dos muros de sua escola ou casa.

Reunir o conjunto de imagens e direcioná-lo para discussão sobre o ensino de História na Educação do Campo, nos ajudou a compreender possibilidades de interação de pontos geográficos aparentemente distantes, mas que se unem no trato das coisas do Ensino e pesquisa do Campo. Ao tratar da imagem como fonte valiosa para o construto da História, esta explanação quis mostrar a Educação do Campo como uma modalidade formativa que auxilia pensar a sociedade brasileira como um corpo que se enraíza em diversos cenários e tipologias. A vida da cidade e a vida do campo, a vida nas fazendas e nas periferias ou nos grandes bairros mostram um acontecer historiográfico espreado pelos diversos territórios que compõem um país continental como o Brasil, mas alinhavado por fios de uma brasilidade mais ou menos aglutinadora.

Imagens de um Brasil urbano e rural que, diante dos olhares dos professores e alunos, fazem repensar as formas de se ensinar História utilizando-se apenas dos textos escritos e que rediscutam as arquiteturas de uma Educação pensada para o cidadão somente da cidade. Antes de se pensar em um tipo de Educação que contemple somente uma parcela de alunos, é necessário pensar uma Educação sob a perspectiva das relações humanas, independentemente da pertença, localização geográfica dos seus discentes.

De toda forma, pensar uma Educação do Campo que se volta para si é pensar em estratégias de ensino que fazem convergir práticas pedagógicas que levem em consideração as diferentes maneiras de aquisição e construção de conhecimentos. Saberes do campo moldados pela experiência não urbana (da casa, do trabalho, da ruralidade etc.) e pela prática das atividades a ela relacionadas somente se tornarão objetos de currículos escolares quando forem valorizados como componentes que favoreçam a consciência de pertença coletiva.

Referências

Arlinda, Professora do 5º ano do Ensino Fundamental. Atividade realizada em 10 de março de 2020. Acervo dos autores.

Brait Júnior, R., Paiva, L. L., Santos, K. S. *Culturas e regiões do Brasil 4º e 5º anos*. São Paulo: Global, 2014.

Caldart, R. S. Por Uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: Kolling, Edgar Jorge, Cerioli, Paulo Ricardo, Caldart, Roseli Salete (orgs). *Educação do campo: identidades e políticas públicas*. Brasília, DF. Por Uma Educação do Campo, 2002.

Dias, A. M., Grinberg, K., Pellegrini, M. C. *Vontade de saber: história: 8º ano: ensino fundamental: anos finais*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

Fonseca, S. G. *Fazer e ensinar História*. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

Leonilde, Professora do 3º ano do Ensino Fundamental. Atividade realizada em 10 de março de 2020. Acervo dos autores.

Marieta, Professora do 4º ano do Ensino Fundamental. Atividade realizada em 10 de março de 2020. Acervo dos autores.

Morais, A. M., Tamanini, P. A. *O Ensino e as imagens de violência*. Da margem ao protagonismo nos livros didáticos de História. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

Motta, M., Zarth. (orgs.) *Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.

Molina, M. C. (org). *Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

Mauad, A. M. Fotografia e História – Possibilidades de análise. In: Ciavatta, M., Alves, N. (Org). *A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, Comunicação e Educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

Paiva, E. F. *História & imagens*. (2a ed.), Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Ribeiro, V. V. *Cartas ao presidente Vargas: outra forma de luta pela terra*. In: *Formas de resistência camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história*. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, NEAD, 2009.

Vargas, J. M. Abastecendo *plantations*: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX). *História*, 33(2), 540-566, jul/dez. São Paulo, 2014.

Wunder, A. Fotografias como exercícios de olhar. In: *29ª. Reunião Anual da ANPEd – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Minas Gerais, Caxambú: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicampi- Campinas – SP.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Paulo Augusto Tamanini – 33,33%

Ana Meyre de Moraes – 33,33%

Maria do Socorro Souza – 33,33%